

## Um semestre de muitas decisões

*Victor Meyer<sup>1</sup>*

Nos meses de julho e agosto esboçou-se um movimento de aglutinação das facções burguesas em torno do plano econômico do governo. Sinais de estabilização do sistema financeiro e de recuo na taxa de inflação foram acompanhados por demonstrações de otimismo por parte de lideranças empresariais. Simultaneamente, o governo alcançou alguns tentos importantes na luta contra os trabalhadores, ao forçar o fim das greves da CSN e FORD (e outras menores) sem que suas reivindicações fossem atendidas.

É pouco provável que esta tendência se consolide por um prazo maior. Por enquanto, tudo indica que a queda na taxa de inflação não passa de ligeira oscilação dentro de uma tendência mais forte de elevação. O próprio governo teve que reavaliar suas projeções para agosto, elevando uma estimativa de 8,5% para 9,0%, em apenas uma semana. Também é preciso considerar que as repercussões da crise no Oriente Médio se farão sentir na economia brasileira. Mais importante, porém, é lembrar que o resultado das greves recentes ainda não representam a última palavra na consolidação das relações de força na atualidade.

É verdade que este ensaio de unificação das classes dominantes, mesmo parecendo ser um fenômeno de vida curta, está produzindo seus efeitos práticos. Esboçou-se, neste período, uma mudança na balança do poder, com o Judiciário perfilando-se ao lado do Executivo na condenação das greves, julgadas "abusivas", criando obstáculos adicionais para o movimento sindical. Mas ressalve-se que se trata de uma tendência em esboço, não consolidada. O próprio Legislativo manteve-se em atrito com o Executivo na apreciação do veto à lei salarial. O veto passou no Congresso por força de um dispositivo constitucional, sem que o governo houvesse conseguido efetiva maioria de votos.

Ao mesmo tempo, aparece nacionalmente um panorama eleitoral favorável às forças ultra-reacionárias. Esse quadro eleitoral reflete a defensiva dos movimentos sociais. Com o governo na ofensiva, e ainda mais faturando alguns êxitos em sua política, compreende-se que boa parte da classe média tenha mais uma vez mudado de lado, agora aderindo à onda reacionária. A reação se beneficia também do comportamento político de uma parte da massa trabalhadora desorganizada, que não consegue encontrar no ambiente defensivo das lutas atuais dos trabalhadores um canal de expressão para o próprio desespero. Atingidos pelo agravamento da miséria e mergulhados no ceticismo frente à luta de classe, tornam-se vulneráveis à carga sistemática da propaganda reacionária. No entanto, esta situação não é estável e novas mudanças podem ocorrer.

Porque a questão central do momento ainda não foi resolvida. Para o governo, o grande problema é a existência do movimento independente dos trabalhadores, simbolizado na CUT e no PT, que ameaça constantemente a política governamental. O governo persegue este objetivo, o de alcançar uma vitória estratégica sobre o movimento dos trabalhadores, para dar livre curso aos compromissos que firmou com as classes dominantes. Esta vitória maior viria na medida em que conseguisse isolar a CUT das suas principais bases sociais, com o movimento sindical entrando em refluxo. Para chegar a esses objetivos, todos os meios estão sendo empregados.

Um deles é o de forçar o prolongamento das greves, como nos casos da FORD, da CSN, dos eletricitários, para vencê-los pelo próprio desgaste interno do movimento. Evidentemente, este recurso encontrará seus limites quando se deparar com um movimento grevista mais amplo e portanto de maior fôlego. Outro recurso de uso atual é o das provocações, das tentativas governamentais de incriminar os sindicatos cutistas por atos de fácil condenação pública (os blecautes, por exemplo). Pela ordem, as provocações antecedem a repressão

---

<sup>1</sup> Economista, Doutor em Administração Pública pela Universidade de Paris VIII. Foi Professor Assistente do Dep. de Ciências Humanas e Filosofia da UEFS (Feira de Santana/BA) e Professor de Economia da UCSal (Salvador/BA). Falecido em 16 de abril de 2001, aos 52 anos. Mais informações em [www.centrovictormeyer.org.br](http://www.centrovictormeyer.org.br) > Acervos > Arquivo Victor Meyer.

militar pura e simples.

Enquanto o governo tenta por vários meios uma vitória sobre os trabalhadores, estes ensaiam formas diversas de resistência. No entanto, o segundo semestre obrigará as duas partes a confrontos importantes, com as grandes campanhas salariais que englobarão petroleiros, metalúrgicos e bancários, sendo provável que o período se encerre com um desfecho capaz de definir novas relações de força.

O movimento dos trabalhadores enfrenta as dificuldades geralmente associadas aos períodos de crise econômica, com ameaças de demissões e listas negras funcionando como instrumentos de coação. Além disso, o governo conseguiu pelo menos neutralizar manifestações dos trabalhadores desde março, contando agora com o reforço subserviente dos tribunais. Mas a experiência indica que os momentos de grande aumento da taxa de exploração cedo ou tarde conduzem a uma reação das massas que, se não por um movimento organizado, se expressarão na forma de explosões isoladas. A trajetória recente das lutas já mostra sinais inequívocos de radicalização, como durante a greve da FORD ou nos combates de rua em Porto Alegre, envolvendo os Sem Terra, etc.

Para a CUT, não interessam as explosões isoladas, embora elas possam ocorrer independentemente da vontade das lideranças. Na medida em que ocorram, necessitarão do apoio da CUT e das forças organizadas dos trabalhadores. Mas não são desejáveis porque representam alvos fáceis para a reação, e de certa forma facilitarão a ação do governo. O desafio colocado é o de organizar e articular as lutas de massas, para que a revolta que hoje cresce sob a superfície possa ter êxito em suas reivindicações imediatas.

A possibilidade de lutas de caráter nacional está dada com o ambiente dos próximos dias e meses, durante as campanhas salariais deste segundo semestre. O caráter decisório dessas próximas lutas (petroleiros, bancários, metalúrgicos) já está colocado objetivamente pela própria marcha dos acontecimentos no Brasil. Não serão simples campanhas salariais, mas batalhas travadas em torno da política econômica e salarial do governo.

*(Informe Conjuntural, CEPAS, 25 de agosto de 90)*

---

Este documento encontra-se em  
[www.centrovictormeyer.org.br](http://www.centrovictormeyer.org.br)

---